

EDUARDO
MUFAREJ

**JORNADA
IMPROVAVEL**

A HISTÓRIA DO
RENOVABR,

A ESCOLA QUE
QUER MUDAR
A POLÍTICA
NO BRASIL

R

HISTÓRIA REAL

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

MÍDIAS SOCIAIS

AGRADECIMENTO

INTRODUÇÃO

I. Um voo de galinha

II. Como um surto de sarampo mudou tudo

III. Pra que serve um mochilão na Europa

IV. “Como é que a gente faz a diferença?”

V. Esquentando os motores

VI. ganhando casca (e dinheiro) na Tarpon

VII. Como o rugby gestou o Renova

VIII. Um sistema mais justo

IX. As sandálias da humildade na Somos

X. Troca de chapéus

XI. Estruturando o Renova

XII. “Vai ter gente do PSOL?”

XIII. Padrão gringo

XIV. Brasil adentro

XV. Dezesete

XVI. 1.400 pessoas boas

XVII. Laços políticos

XVIII. Lula Livre e Luciano

XIX. Uma marca de futuro

SOBRE O AUTOR

LEIA TAMBÉM

AGRADECIMENTO

Nos primórdios da criação do RenovaBR, durante uma viagem a Londres, tive a oportunidade de apresentar o projeto ao economista Pêrsio Arida, um dos idealizadores do Plano Real. Ele me ouviu e disse: “Eduardo, recomendo que você faça um diário sobre essa jornada. O material pode ser útil mais adiante para reavivar as lembranças ou até, quem sabe, para um livro.”

Ouvi o conselho e comecei a esboçar um diário, auxiliado por ferramentas da tecnologia que permitem manter um bom controle de datas de encontros, reuniões, acontecimentos. Mas daí a escrever um livro parecia haver uma enorme distância.

Sempre imaginei que seria um grande desafio e me questionava: conseguiria produzir um bom texto e uma história que fizesse sentido?

Se meus leitores hoje têm esta obra em mãos, preciso reconhecer as contribuições de Jorge Oakim, da editora Intrínseca, que me convidou a contar a história do Renova; de Roberto Feith, meu editor nesta empreitada; e de Sibelle Pedral, que construiu comigo o texto em um processo longo, por vezes exaustivo. O projeto de um livro é algo que me enche de orgulho, e eu não teria concluído a trajetória que resultou no *Jornada improvável* sem a ajuda desses três profissionais.

Este livro compõe a história do Renova a partir de uma perspectiva individual, porém contempla e homenageia cada uma das pessoas que, de alguma maneira, participou da edificação da nossa escola de democracia. Fiz todos os esforços para mencionar cada contribuição,

mas, logo na largada, já soube que falharia: foram inúmeros os que nos ajudaram a chegar até aqui. Houve tantos momentos importantes, com tamanha carga emocional, que minha memória certamente me pregou peças. A esses indivíduos peço desculpas antecipadas e convido a uma celebração desta obra coletiva.

Registro meu maior agradecimento a minha família, que abriu mão de tempo precioso de convívio e acolheu tanto a iniciativa de construir o Renova quanto o trabalho neste livro. Minha esposa, Juliana, e meus três filhos, Teresa, Isabel e Antonio, sabem como sou grato a eles.

Agradeço a todos com quem trabalhei, de meus amigos da Tarpon aos colegas da Somos, mas, principalmente, à equipe do RenovaBR. O time embarcou nesse projeto e se apropriou dele com entusiasmo de donos, o que de fato eram. Graças a eles, chegamos ao que posso chamar de sonho coletivo. São pessoas que trabalham todos os dias com dedicação e afino inacreditáveis, e fazem com que o esforço de tornar a política brasileira um lugar de gente preparada e honesta seja o mais efetivo possível. Deixo ainda o meu muito obrigado a todos que abriram suas agendas para relatar histórias e experiências com o Renova, enriquecendo este relato.

Ao escrever sobre o Renova, meu objetivo não era fazer meramente uma reconstrução histórica; gostaria que a sociedade brasileira compreendesse que a transformação do nosso país está, sim, ao nosso alcance. Não podemos nos dar ao luxo do conformismo: a solução para os problemas brasileiros dependerá da mobilização profunda de uma parte importante da sociedade.

O Renova, por meio da sua equipe, do seu conselho, dos apoiadores e, no final, das lideranças formadas pela nossa escola e que resolvem se candidatar, é um elo, um agente nessa mudança. Porém, não é o único, nem deve ser. A transformação da sociedade brasileira dependerá de

múltiplas iniciativas em diversas frentes. Será preciso deixar de lado os desejos e as vontades individuais, bem como as crenças que nos separam, e olhar para aquilo que nos une.

Será a partir das nossas semelhanças que construiremos um futuro melhor.

INTRODUÇÃO

“E se a gente fizesse a formatura na Praça dos Três Poderes?”

A pergunta ecoou na sala de reuniões do Renova numa tarde em fins de maio de 2018. Partiu de Gabriel Azevedo, advogado, vereador em Belo Horizonte, amigo desde que eu, em tempos mais remotos, resolvi me interessar pela política, ainda sem saber muito bem qual seria o caminho. Sabia apenas o que não queria: ser candidato. Devia haver outros jeitos. Havia.

Após um burburinho inicial, a proposta fez todo o sentido para os que estavam ali. O que seria mais simbólico do que encerrar um curso de política no palco do poder, em Brasília, onde boa parte dos nossos alunos gostaria de estar no ano seguinte, eleitos para a Câmara dos Deputados ou até para o Senado Federal?

O RenovaBR, ou simplesmente Renova, sequer tinha um ano de vida. Nasceu da minha inquietação, e da de muitas pessoas como eu, com os rumos da política brasileira e com o que víamos como o despreparo de uma maioria de políticos. Esse despreparo prejudica profundamente a capacidade de geração de riqueza do país, mas não só: também prejudica o acesso a oportunidades, acentua a desigualdade e, de maneira mais ampla, atinge nossa capacidade de encontrar um caminho como nação. Políticos despreparados afetam até mesmo nossa identidade e autoestima como sociedade. Como postulado no livro *Por que as nações fracassam*, de Daron Acemoglu e James Robinson, instituições políticas extrativistas resultam em instituições econômicas

extrativistas, enriquecendo poucos às custas de muitos, um ciclo vicioso vigente no Brasil.

Nesse contexto, o Renova se estabeleceu como uma escola de formação de políticos, uma escola de democracia, plural e apartidária. Ficou em pé em um tempo inacreditavelmente curto, com uma turma de 133 alunos de todo o Brasil, selecionados entre mais de 4 mil candidatos. O que tínhamos feito até ali, sim, parecia impossível. A Praça dos Três Poderes? Por que não?

“Por que não damos uma aula na Praça? Dispomos as cadeiras como se fosse uma sala de aula, só que a céu aberto”, Gabriel prosseguia, animado. “É só correr atrás da autorização do poder público, arrumar umas caixas de som... Vejam.” Interrompeu-se, pegou papel e caneta, começou a desenhar. “Esta é a Praça vista de cima. Aqui o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal. Se a gente colocar as cadeiras aqui” — assinalou um círculo entre os marcos que tinha acabado de enumerar — “e começar pontualmente às três e meia, quando a cerimônia estiver chegando ao fim, lá pelas cinco, estaremos diante do pôr do sol mais deslumbrante do Brasil.”

Nas semanas seguintes o pequeno time do Renova botou as engrenagens para funcionar. Contatos foram feitos; obtiveram-se aprovações. Falando hoje parece fácil, mas àquela altura já tínhamos experiência em situações que pareciam inatingíveis. Duas semanas antes da data que imaginávamos, uma força-tarefa do Renova foi a Brasília agilizar os últimos trâmites. Permissões na mão. Cadeiras alugadas. Caixas de som materializaram-se.

O dia 21 de junho de 2018 amanheceu seco e ensolarado na Capital Federal. A equipe do Renova estava lá em peso, dividida em dois grupos. Parte assistia a um seminário para os alunos realizado em parceria com a Arko Advice, a consultoria de análises políticas de

Murillo de Aragão, na sede do *Correio Braziliense*. Amigo de longa data e entusiasta do Renova, Murillo organizou o evento. Estavam lá o ministro do Supremo Tribunal Federal Luís Roberto Barroso e os senadores Ana Amélia e Cristovam Buarque. O outro grupo estava na Praça dos Três Poderes, armando o cenário. Quando as cadeiras foram entregues, nos demos conta de que eram de ferro, o que poderia ser um problema para os ocupantes sob o sol ardido de Brasília. Mas era o que tínhamos, e felizmente o dia não foi quente a ponto de causar incômodo.

As cadeiras foram dispostas sobre as pedras portuguesas de tal modo que todos pudessem ver o professor responsável pela aula de encerramento do curso, que seria o próprio Gabriel; pelas regras do uso da Praça, não era permitido montar um tablado. Quando Darlan Dal-Bianco, um jovem mineiro que tinha se juntado ao Renova na primeira hora, arrumava o cenário, um carro de polícia parou para interpellá-lo. Darlan abriu seu celular e mostrou fotos dos alvarás. Os policiais foram embora. Estávamos todos em estado de tensão.

Foi uma quinta-feira como nenhuma outra antes, na minha vida e na vida de todos ali. Parecia sonho, mas era fato: a Praça dos Três Poderes e a silhueta do Congresso foram o palco da “sala de aula” final da primeira classe do Renova. Gabriel leu uma carta que ele próprio teria escrito em 2032. E falando então diretamente do futuro, ele evocava o que teria acontecido naquele já “distante” 2018. “Como é tradição brasileira, a primeira coisa que fizeram ao saber do RenovaBR foi duvidar [...]. Muitos duvidaram, muitos criticaram. Muitos sequer acreditaram. Ocorre que no ano de 2018, mesmo diante de tantos desafios, um grupo não muito grande em número, mas enorme em seus propósitos, conseguiu se eleger e ocupou cargos no Congresso Nacional.”

Naquele momento, não sabíamos quantos dos nossos “formandos”

*image
not
available*

ter entregado o que queríamos.

A ideia fundadora do Renova é que a política é lugar de gente íntegra e competente e, sendo assim, deveria atrair os melhores quadros do país. Ao formar candidatos qualificados, independentemente de partidos ou ideologias, queremos dar uma contribuição para aperfeiçoar a política. Não existe no mundo uma nação democrática evoluída em que a classe política seja constituída por pessoas despreparadas ou preocupadas em satisfazer apenas os próprios interesses.

Queríamos justamente contradizer a famosa citação de Ulysses Guimarães: “Está achando ruim essa composição do Congresso? Então espera a próxima: será pior. E pior, e pior...” Nascemos como uma reação efetiva a essa fala. Incrível como tínhamos nos acomodado a ela.

Alguns dos que duvidaram das nossas intenções apostaram que um dia o Renova e seus apoiadores “cobrariam a conta”. Essa conta nunca chegou para nenhum dos nossos alunos, e nunca chegará. Melhorar a política é o nosso único e grande objetivo. Queremos que, na hora de votar, todo eleitor tenha excelentes opções, não importa quais sejam seus ideais nem suas expectativas. Essa é a nossa diferença, tão clara e ao mesmo tempo tão difícil de ser entendida no ambiente polarizado em que vivemos.

As pessoas que criaram o Renova estavam convencidas de que, como em qualquer democracia, a resolução dos problemas do Brasil está nas mãos da sociedade e de cada eleitor. Também há a consciência de que é fundamental somar forças com outras iniciativas comprometidas com a boa política. Estamos diante de um problema muito maior do que a capacidade de um movimento ou grupo resolver. Quem tiver um projeto voltado para a qualificação da prática política e quiser o apoio do Renova pode bater na nossa porta: auxiliaremos com o conhecimento que acumulamos desde 2017. A ideia deste livro, aliás, é justamente esta:

*image
not
available*

cidadãos conscientes, temos que enfrentar essa questão. O Renova não é sobre mim: sou apenas quem deflagrou o processo.

Não chega a ser uma novidade a ideia de que a política, tal como a conhecemos no auge dos anos 2000 e no colapso dos anos 2010, está na raiz dos males do Brasil. Mas muitas pessoas lavam as mãos e não dão a ela o devido valor; preferem classificá-la como suja, corrupta, ineficiente, nociva. A política é coisa séria. É a forma mais madura e eficaz para expressar os anseios da sociedade. Por meio dela nos fazemos ouvir e escolhemos as prioridades da ação do Estado. Isso é o que dizem os livros de ciências políticas, bem como boa parte das Constituições dos países avançados. Mas, no Brasil, a teoria está longe da prática.

Muitos de nós não temos a dimensão da importância do voto. Escolhemos nossos candidatos e não acompanhamos o que eles fazem — ou quando acompanhamos é porque nutrimos expectativas equivocadas sobre a atuação do político que elegemos. Não raro, sequer sabemos o raio de atuação de cada eleito, confundindo papéis e responsabilidades. Quando nada acontece, nos frustramos ou deixamos de acreditar. Apertamos a tecla do cinismo, condenamos a política e tocamos a vida. Enquanto isso, em seus cargos executivos ou legislativos, alguns políticos se beneficiam dessa desilusão, acumulam poder e atuam para realizar projetos pessoais. Para eles, fazer política é optar pelo benefício individual ou de um pequeno grupo em detrimento da coletividade.

Aprofundando a questão, chega-se ao sistema eleitoral brasileiro e, em especial, à questão dos financiamentos de campanha, ou seja, ao caminho que esses políticos percorreram para se eleger. Infelizmente, salvo honrosas exceções, não se trata de um caminho de virtude. Até as eleições de 2016, pode-se dizer que parcela significativa dos que obtiveram sucesso na política foi beneficiada por alguma forma de caixa

*image
not
available*

é relativamente recente e nasceu com as *startups*; nesse modelo de apoio à criação de novas empresas, o importante é que a escolhida para receber a “aceleração” tenha potencial para avançar e crescer. Em vez de apoiar um empreendedor e seu negócio, eu pensava em oferecer suporte a um empreendedor cívico, uma pessoa que desejasse entrar no jogo político com o objetivo de fazer boa política. No fundo, era uma nova forma de *venture capital*, ou capital de risco — porque (e, para mim, esse era o ponto fundamental) a ideia era justamente não pedir nada em troca do apoio. Um dos amigos a quem eu havia apresentado minhas inquietações, Humberto Laudares, cientista político e economista com boa experiência em gestão pública, sugeriu um nome para essa empreitada: Fundo Cívico Para a Renovação Política.

Os empreendedores cívicos que o Fundo apoiaria teriam que se encaixar em algumas regras. Deveriam ser novatos na política, ou seja, não ter ocupado cargo eletivo anterior. Quem já estava na política poderia ter relações com o esquema vigente, mesmo que tivesse chegado com as melhores intenções, e a ideia era atrair gente sem amarras, sem obrigações para com partidos ou grupos aos quais deviam o financiamento de suas campanhas ou outros favores. Não poderiam ter nenhum envolvimento com qualquer atividade criminosa (claro). Deveriam mostrar entusiasmo por aprender a navegar no universo político e submeter-se a um baita processo de seleção. Ainda assim, a questão-chave, me parecia, era viabilizar a jornada de candidatos qualificados. Naquele momento, eu era movido pelo raciocínio de apoiar candidatos individuais. Chegar ao ponto de maturidade do Renova exigiria muito tempo, trabalho e reflexão. Aos poucos compreendi que, para avançar, precisávamos de grandes ondas, e evoluí desse raciocínio “individual” para um pensamento estrutural. Precisávamos de mais do que apenas alguns indivíduos.

*image
not
available*

partindo de Marselha, na França. Durante o percurso houve uma epidemia de sarampo a bordo, de modo que, na chegada a Buenos Aires, ninguém pôde desembarcar. O navio fez meia-volta em direção ao Brasil e ancorou na Baía de Guanabara, tentando o desembarque. Meu avô e a irmã conseguiram descer milagrosamente, e no Rio foram orientados a vir para São Paulo, onde, aparentemente, viviam outras pessoas da mesma região que eles. Naquela altura, já havia na capital paulista uma grande colônia árabe, próspera e solidária.

Em São Paulo, aproximaram-se da comunidade e minha tia-avó casou-se com um imigrante sírio. Meu avô também encontrou uma esposa, Helena, filha de sírios, nascida em Santos, cujo porto recebeu inúmeras levas de imigrantes no começo do século 20. Tiveram três filhos, meu pai, o primogênito. Montaram um armazém próximo da avenida Jabaquara, a Casa Elias. Esse avô nunca retornou ao Líbano.

Minha mãe puxou à minha avó em independência e ousadia. Estudou em escola pública a vida inteira e foi aprovada no vestibular para o curso de letras na Universidade de São Paulo. A família, típica de classe média, vivia com dignidade, mas todos precisaram trabalhar desde cedo. Ela, uma mulher bonita e articulada, dava aulas de francês e um dia descobriu que podia ganhar algum dinheiro distribuindo folhetos no Salão do Automóvel. Foi nessa feira, bastante popular ainda hoje em São Paulo, que conheceu meu pai, gerente comercial que ficava a postos no estande da empresa de autopeças em que trabalhou a vida inteira. Havia uma boa distância de idade entre eles: meu pai era nove anos mais velho. Apaixonaram-se e casaram-se em 1974. Foram morar em uma casa na rua Guapiaçu, no Planalto Paulista, Zona Sul da cidade, perto do aeroporto de Congonhas; nasci nesse lugar. Não era um casamento harmonioso: separaram-se em 1983, quando eu tinha 7 anos, e fiquei sob a guarda da minha mãe. A essa altura, já morávamos num apartamento

*image
not
available*

porra nenhuma. Aprendi rápido, pressionado pela necessidade, e falar fluentemente a língua está entre os aprendizados que mais me ajudaram na vida.

Como já tinha terminado o ensino médio no Brasil, na escola que frequentei em St. Peter optei por disciplinas que me despertavam curiosidade, como jornalismo, marcenaria e artes. Fiquei fã do sistema de eletivas, e não entendia por que no Brasil não havia algo parecido. Das obrigatórias, uma me chamou a atenção, US Government. Parecia-se com as antigas OSPB (organização social e política do Brasil) e educação moral e cívica, que faziam parte do currículo escolar brasileiro, mas fez muito sentido para mim que fosse ministrada naquele momento, o último ano antes da universidade. Era quando os alunos se preparavam para votar; portanto, havia aulas sobre o regime democrático americano e seu sistema partidário peculiar, que acabou por tornar-se bipartidário na prática, com eleições dominadas por candidatos democratas e republicanos — ainda que tenha havido alguns candidatos independentes com certo poder de fogo em pleitos presidenciais. Também se ensinava o funcionamento do voto de distrito, algo que entrou no meu radar naquela época e nunca mais saiu. Sou desde então um defensor do voto distrital, que considero mais coerente por criar laços de proximidade entre eleitores e candidatos.

Fui feliz enquanto estive lá; parece até que passei mais tempo em St. Peter do que realmente passei. Quando voltei, era outra pessoa. Eu vinha da experiência de altos e baixos no Santo Américo e a vivência americana me trouxe a possibilidade de um recomeço, de construir uma nova imagem de mim mesmo. Eu já não era o cara mais jovem da turma, conhecido como Silveira, meu sobrenome do meio; eu era o Ed, o cara que veio do Brasil e tinha muitas histórias para contar. Nos Estados Unidos, fortaleci minha autoestima e a confiança em mim

*image
not
available*

com meu 1,83 metro, mal cabia dentro dele. Eu não falava francês, o idioma do curso, e ralei para aprender em tempo recorde (aprendi precariamente). Em retrospecto, acho que o curso foi apenas razoável; o que ele me deu de melhor, além da experiência de conhecer um pouco uma universidade europeia, foram dois amigos ingleses, John Prideaux e Andrew Nethercot, que levei para a vida. Também aproveitei intensamente a vasta rede de conexões ferroviárias a partir de Paris e viajei de mochila por toda a Europa com um guia *Lonely Planet* embaixo do braço. De certa forma, foi um tempo para mim, uma recompensa pelos quase três anos em que trabalhei durante o dia e estudei à noite, sem pausa, sem férias.

Voltei ao Brasil em julho. Tinha combinado voltar para a AmCham e cumpri o acordo; sempre levei a sério os acordos e eles foram muito corretos comigo. Eu tinha decidido empreender uma mudança de rota e deu tempo para pensar no que seria: o mercado financeiro parecia um lugar para explorar. Chegando perto do final de 1998, um amigo me indicou para uma vaga no Citibank. Fiz entrevistas e me contrataram para cuidar de cadastros e de cálculo de cotas. Minha avó morava perto do banco e me mudei para a casa dela.

Logo percebi que não ficaria por ali muito tempo: o trabalho não tinha nada a ver comigo. Felizmente havia um cara perto de mim, Alex Mainero, que simpatizou comigo e me chamava para dar dicas, falar das áreas que poderiam ser mais atraentes, rentáveis e desafiadoras no ambiente de banco. “Você tem que trabalhar em um banco de investimento”, ele me dizia. Eu nem sabia direito o que era isso, mas, quando ele arrumou para mim uma entrevista na área de fusões e aquisições do próprio Citi, eu me apresentei. Não consegui a vaga. Por outro lado, aquilo ficou na minha cabeça. Pouco depois, um conhecido me falou sobre uma posição na operação brasileira do banco francês

*image
not
available*

sem burocracia; o desembolso, rápido; e o dinheiro que voltava era logo reinvestido em outros negócios em dificuldades.

Lançamos o projeto em uma data simbólica, dia 1º de maio, Dia Internacional do Trabalhador. Em menos de um mês, o Estímulo 2020 beneficiou 260 empresas em São Paulo com os primeiros 20 milhões de reais que levantamos e expandiu-se para Minas Gerais, onde obtivemos 75 milhões de reais para as pequenas empresas mineiras. Em Minas, 15 milhões foram arrecadados por meio de doação de empresários locais, num esforço capitaneado por Eugênio Mattar, CEO da Localiza, e por Pedro Faria, meu sócio desde os tempos da Tarpon. Os 60 milhões restantes vieram de uma parceria com a cooperativa de crédito Credifiemg.

O Estímulo 2020 foi, possivelmente, a primeira iniciativa de crédito com propósito no Brasil. Recebemos centenas de relatos de empreendedores agradecidos pela ação, que deu a eles respiro para seguir com seus negócios, mas agradecidos, sobretudo, pela “dignidade” — palavra que apareceu muitas vezes nesses depoimentos — com que foram tratados.

Um detalhe: por pouco o Estímulo 2020 não emperrou devido à burocracia brasileira. Como obter um novo CNPJ neste país é missão para meses, só consegui estruturar o fundo em tempo hábil aproveitando um antigo CNPJ registrado em nome de uma ONG que constituí em 2009 para apoiar atletas de rugby e que havia algum tempo estava inativa. O sócio do escritório de advocacia que ajudou a botar de pé o Estímulo, o ex-jogador de rugby Fernando Mirandez, me lembrou da ONG e rapidamente a convertemos no Estímulo. Desde então comecei a pensar em maneiras de evitar que outras iniciativas passassem pelo mesmo perrengue. Assim, me juntei a dois escritórios de advocacia de São Paulo, Pinheiro Neto e PLKC, para trabalhar na construção de

*image
not
available*

viagem ao litoral norte de São Paulo. Ju e eu nos hospedáramos com amigos e eu começava a achar que ela não queria nada comigo, quando finalmente aconteceu. Na virada de 2006 para 2007, o namoro estava firme e os pais dela me convidaram para um cruzeiro de Réveillon; aceitei, claro, e aproveitei a oportunidade para, depois do brinde de Ano-Novo, pedir a mão dela em casamento.

O detalhe é que nunca tínhamos tocado nesse assunto. Todos foram pegos de surpresa, inclusive, e principalmente, Juliana. Nos casamos em maio de 2008 na São José, uma bonita igreja revestida de tijolinhos alaranjados, no coração do Jardim Europa. No ano seguinte nasceu nossa primeira filha, Teresa, batizada em memória de minha mãe. Em 2011 veio Isabel e quatro anos depois nasceu Antonio.

* GMAT (sigla em inglês para Graduate Management Admission Test) é um exame de aptidão lógica e verbal na língua inglesa exigido para a admissão na maior parte das escolas de negócios dos Estados Unidos e da Europa.

*image
not
available*

Por coincidência, naquele remoto 2010, FHC estava construindo uma plataforma de debates e ideias para a agenda nacional brasileira, o Observador Político. Celebraria seus 80 anos em 2011 e pensava em estreitar no mundo digital com o portal colaborativo. Me convidou para fazer parte do conselho consultivo e aceitei. Na prática, o Observador operava quase como uma rede social política, mas, a meu ver, com pouca efetividade. No entanto, foi um balão de ensaio para o meu desejo de me aproximar da política e uma maneira de conhecer gente engajada. Foi no Observador que me apresentaram a Gabriel Azevedo, que se juntaria a mim na criação do Renova anos depois; a Pedro Markun, que fez parte da nossa primeira turma do Renova; e a Pedro Abramovay, diretor para a América Latina da Open Society Foundations, ONG do investidor e filantropo George Soros. Fernando Henrique e eu nos aproximamos nessa época e continuamos a manter contato.

Me senti motivado a entrar mais fundo na questão da participação da sociedade na política e cheguei a visitar o diretório do PSDB, num casarão na avenida Indianópolis, no bairro do Planalto Paulista, em São Paulo. Não gostei do que vi. Fui recebido por duas mulheres que não pareciam ter muita familiaridade com o partido. Me entregaram alguns folhetos e recomendaram que eu entrasse no site institucional do PSDB. Tudo muito rápido, quase automático. Saí dali pensando que todos os dias gente como eu devia bater na porta querendo saber mais, colaborar, talvez até entrar na política; essas pessoas sairiam frustradas como eu. Mas não desanimei.

No início de 2010, Fábio Ribeiro, um amigo de longa data e investidor, me chamou para um café. Ele sabia do meu interesse pela política e trazia uma proposta. Estava começando a estruturar um partido com outro amigo, com quem dividia escritório, e os dois